

# Galvêas ironiza taxa estável

**Rio** — "Dizer que é vitória a estabilização da inflação em 14 por cento é uma piada e um desastre para o Governo". A frase do ex-ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, retrata a opinião de diversos ex-integrantes do Governo e representantes do mercado financeiro que participaram ontem da solenidade de posse do novo presidente da Associação das Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (Adecif), Luis Alberto Madeira Coimbra, e da comemoração dos 25 anos da entidade.

O contraponto das afirmativas de três ex-presidentes do Banco Central — inclusive o próprio Galvêas —, que não crêem na estabilização da inflação e prevêem um período crítico para o Governo nos primeiros meses do ano, ficou com outro ex-presidente da entidade monetária, Carlos Brandão, para quem um índice de 14 por cento ao mês pode significar que o Governo conseguiu finalmente controlar a inflação e que acredita na manutenção desse patamar para os próximos meses.

Tanto Hênio Nogueira, criador e fundador do Banco Central e do Conselho Monetário Nacional, quanto Paulo Lyra e Ernane Galvêas estão descrentes de que a inflação reduza seu

fôlego e identificam como a principal causa da provável escalada inflacionária dos próximos meses a falta de credibilidade e disposição do Governo para implementar medidas de rigor monetário e fiscal e a crise política que domina o País, com soluções difíceis de serem encontradas no curto prazo.

Lyra lembra que a única alternativa da qual o Governo poderia dispor para reduzir a inflação e, ao mesmo tempo, evitar medidas já implantadas sem sucesso de controle de preços, reside na área monetária e fiscal. "Outra solução é a adoção de uma efetiva política de rendas, que, no entanto, é praticamente impossível neste momento, pois exigiria um pacto social que será difícil alcançar", observou.

Mas quem melhor definiu as causas da provável subida da inflação nos próximos meses foi o novo presidente da Adecif, Para Madeira Coimbra, os níveis de alta de preços após o Plano Bresser, que se mantiveram em um dígito, foram obtidos com o arrocho salarial. "Os dissídios, principalmente aqueles obtidos pelos trabalhadores paulistas em dezembro, darão um novo impulso à demanda e empurrarão os preços já a partir de janeiro", explicou.